

MOCAMBO

NOS arredores da cidade do Recife, o mocambo constitui uma expressão predominante. Remontando aos primórdios da colonização, introduzido, como geralmente se acredita, por intermédio do negro, fixou-se ali, sem sofrer grande diferenciação, até os nossos dias. Inúmeros são os factos que concorreram para que esse tipo de habitação rústica se preservasse. Habitação característica da cultura primitiva dos povos de que derivou e cujo agrupamento tomou, também, o nome de *quilombo*, referindo-se, principalmente, às colônias de negros foragidos, a choça se impôs como a fórmula mais econômica e acessível às populações pobres do Nordeste. A causa econômica e social do mocambo releva tanto mais se considerarmos a sua impropriedade geográfica. MÁRIO LACERDA DE MELO, em seu interessante ensaio "Pernambuco — Traços da Sua Geografia Humana", sublinha acertadamente esse aspecto quando faz ver que, pela própria localização do Recife, ocupando uma planície pantanosa, essas casas construídas quase dentro da lama e não apenas em lugares enxutos ou aterros e inclusive sobre estacas, para preservar-se da umidade, representam verdadeiro contrassenso, do ponto de vista da função técnica inerente a essa modalidade de adaptação do homem ao meio. Ou seja uma aberração dos exemplos colhidos alhures pela Geografia Humana. A civilização veio ainda mais agravar essa impropriedade, introduzindo na composição dos materiais empregados na construção dos mocambos, as folhas de zinco ou flandres que, pelo superaquecimento, as tornaram absolutamente inapropriadas ao clima local. Em recente inquérito oficial os mocambos foram classificados em vários tipos, atendendo à diversidade dos materiais de construção. O tipo clássico do mocambo, porém, é o constituído de paredes formadas de terra ou massapê revestindo uma estrutura de madeira ou ripas (taipa) e de cobertura feita com palha de coqueiros, capim-açu, etc. Algumas vezes são simples casebres com teto e paredes tão somente de palha. Modernamente, porém, a diversificação dos materiais tornou-se a regra. Como as habitações dos morros do Rio de Janeiro, lançou-se mão dos materiais mais heteróclitos, agregados ao acaso, para formar os tapumes desconjuntados e irregulares, que lhes conferem um caráter utilitário, em prejuízo da estética. Há-os de madeira, com a cobertura de palha ou zinco; há-os com chão de terra batida, tijolo ou cimento. Esses materiais se alternam formando curiosas combinações diferentes. O tipo original, porém, o que precedeu a todos os outros é, sem dúvida, o de que nos fala GILBERTO FREYRE, no seu magnífico ensaio *Mocambos do Nordeste*: "Na sua pureza de habitação vegetal, com os cipós fazendo as vezes de pregos e as portas feitas da própria palha ou folhas dos tapumes e da cobertura, o mocambo do litoral do Nordeste, quando construído no seco e entre coqueiros, exprime aquêle primitivismo de cultura de modo atraente. As aldeias de mocambos desse tipo surgem aos nossos olhos com uma doçura de povoações de ilhas do Pacífico — as mais romantizadas pelos viajantes, pelos poetas e até pelos antropologistas". É ainda o mesmo GILBERTO FREYRE quem descreve com essas palavras o processo da construção dos dois tipos mais comuns de mocambos do litoral do Nordeste: "É sobre o chão, tanto quanto possível seco, duro e limpo que a arte do mocambeiro levanta o mocambo. Enfiam-se na terra suportes verticais ou "enxaméis" e entre eles fixam-se, para os mocambos de paredes de barro, ripas, em certas zonas do litoral de pau de mangue. Enchem-se, então, os espaços com barro escuro, preparado de preferência com areia de rio, no litoral, misturado a barro de mangue. No caso dos mocambos todos de palha, a melhor construção é de trançado — a da cobertura como a das portas e janelas. Processo mais artístico e mais delicado".

Quanto à divisão interior a mais simples é aquela cuja planta é representada por um retângulo maior com um menor no centro e para um lado. Este último representa o único quarto, que faz a separação entre a sala e a sala de jantar, ligadas por um corredor que se lhe opõe. A planta de alguns é, porém, mais complexa, incluindo dois quartos, e ainda com a entrada protegida por um alpendre feito de palha, que prolonga o teto. O tipo mais vulgar de cobertura é o de duas águas. Ocorrem, entretanto, os de três e mesmo quatro águas, este último de preferência em Alagoas, sendo de todos o mais evocativo das choupanas africanas.

Não é o mocambo um fenómeno exclusivo da paisagem urbana do Recife, embora aí se apresente sua forma mais chocante e típica. Alastra-se, entretanto, pelas cidades e os campos nordestinos, modificando-se ao sabor das influências ecológicas de cada lugar, quer na composição dos materiais, quer na distribuição e fixação. Assim é que os temos na zona canavieira, para só citar um exemplo, com coberturas tecidas da própria palha de cana, como a demonstrar a prodigiosa capacidade de mimetismo do mocambo.

Na área do Recife, que tomamos por modelo, a proliferação do mocambo, segundo resultados da estatística oficial, equivalia, em 1939, a duas vezes o crescimento das casas de alvenaria e taipa, tendo decrescido daí então por efeito de medidas administrativas visando a aperfeiçoar o padrão residencial das populações mais desfavorecidas.

Nessa área vemos, portanto, que o problema originariamente étnico-cultural do mocambo se complica com as causas de pauperismo e concentração urbana.

JOÃO MILANEZ DA CUNHA LIMA

